

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

CAMPO GRANDE: COGNOMES, SIMBOLISMOS E REPRESENTAÇÕES¹

Nataniél Dal Moro²

Resumo: O objetivo deste artigo reside em pensar alguns aspectos da municipalidade de Campo Grande, em especial os simbolismos dos cognomes atribuídos à cidade, destacando-se, também, ideias-força as quais possivelmente estavam relacionados e representações, que em certo sentido ainda hoje estão presentes e constituem pontos de relevo da identidade social da urbe.

Palavras-chave: Mato Grosso do Sul; Cidade de Campo Grande; Cultura.

CAMPO GRANDE: COGNOMENS, SYMBOLISMS AND REPRESENTATIONS

Abstract: This context as core idea, this article focuses in thinking about some aspects of the municipality of Campo Grande, specially the symbolism of the aliases that have been assigned to the city, emphasizing also ideas which possibly were related to the city and representations, which in a sense still today are present and constitute social identity contours of this metropolis.

Keywords: Mato Grosso do Sul; City of Campo Grande; Culture.

RECEBIDO 24/04/2015

AVALIADO 13/10/2015

¹ Esta reflexão resulta de um período de estágio pós-doutoral realizado nos anos de 2014 e 2015 no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). Versões iniciais deste manuscrito foram lidas pelas Professoras Dolores Pereira Ribeiro Coutinho e Maria Augusta de Castilho. Externo aqui o meu sincero agradecimento às educadoras pelas relevantes sugestões e apontamentos. O conteúdo e as análises externadas são de minha responsabilidade.

² Pós-Doutor em História do Brasil pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professor Visitante (Bolsista CAPES) no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <natanielalmoro@bol.com.br>. Endereço: Avenida Tamandaré, 6000, Jardim Seminário, Campo Grande-MS. CEP: 79117-900.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura dar visibilidade aos cognomes atribuídos à localidade de Campo Grande, urbe que atualmente figura como a capital do Estado de Mato Grosso do Sul/Brasil, bem como uma parte dos simbolismos presentes ou derivados destas expressões.³ Embora não exclusivamente, algumas das nossas reflexões teóricas estão lastreadas no paradigma da história social e da cultura, em particular nas abordagens da história contra-factual, que a partir dos anos 1970-80 obteve imensos adeptos no mundo acadêmico-científico.⁴ Pensamos que a problemática dos cognomes e dos simbolismos, a seguir abordada, enquadra-se neste contexto de renovação historiográfica.

CAMPO GRANDE: HISTÓRIA E COGNOMES

Existem diversos registros nos quais podemos ver Campo Grande representada, isto é, descrita com base nos interesses e nas aspirações de indivíduos e de grupos sociais que a constituíam. Consta-se que a partir do período pós-elevação do povoado à categoria de cidade, que data de fins dos anos 1910, tal situação se mostra com destaque e também se intensifica.⁵ Alguns materiais descrevem o lugar como uma *povoação sertaneja*, em provável referência ao *vilarejo dos caboclos* de fins do século XIX e primeiros anos do XX, quando a base da economia residia na indústria pastoril. Outros suportes – referindo-se a períodos mais recentes – descrevem a urbe, a vida social e a economia à luz de outras reflexões. Sobressaem-se então os seguintes cognomes: *metrópole* ou *capital comercial do Estado de Mato Grosso*.⁶ Isto indica que durante várias décadas a história de Campo Grande foi observada e concebida, predominantemente, a partir do *desenvolvimento econômico e político* de determinados grupos sociais.⁷

Desta forma, elementos ditos e reverberados como *naturais* poderiam explicar em grande

³ A rigor o Estado de Mato Grosso do Sul (MS) foi criado no final da década de 1970. Em 11 de outubro de 1977 ocorreu a divisão do então Estado de Mato Grosso. A porção sul desta Unidade Federativa – por vezes chamada à época *sul de Mato Grosso* – foi denominada Mato Grosso do Sul. Em linhas gerais, o período de transição findou em 1979 e a partir de então MS passou a ser efetivamente concebido como uma UF, contando, de fato, com aparato político-administrativo, bem como institucional, de Estado.

⁴ Outras informações podem ser obtidas em BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 7-37.

⁵ A criação da municipalidade de Campo Grande ocorreu em 26 de agosto de 1899, quando o distrito de paz de Santo Antônio de Campo Grande (criado em novembro de 1889) foi elevado à categoria de vila. Campo Grande conta atualmente com quase 800 mil habitantes, localizando-se a urbe na porção central do território do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), do qual é sua capital política e administrativa desde fins da década de 1970.

⁶ Embora existam outras referências que veiculem estas expressões, referimo-nos especificamente a estas: AZEVEDO, Fernando de. *Um trem corre para o Oeste*: estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. 2. ed. São Paulo: Martins, [1958], p. 94 e ANDRADE, Arlindo de apud MACHADO, Paulo Coelho. *Arlindo de Andrade*: primeiro juiz de direito de Campo Grande. Campo Grande: TJMS, 1988, p. 39.

⁷ Remetemos aqui para o trabalho de BITTAR, Marisa. *Geopolítica e separatismo na elevação de Campo Grande a capital*. Campo Grande: UFMS, 1999, p. 67-111, em particular o texto *De “Vila Pobre e Caipira” a Capital*, que entendemos problematiza historiograficamente, e inclusive de forma muito oportuna, esta ideia.

medida o *êxito* e a *grandiosidade* da urbe e da região como um todo.⁸ Porém, ainda que constem em registros e tenham sido percebidos e sublinhados por alguns estudiosos, os recursos *culturais* e *humanos*, as “marcas históricas” – em certo sentido as “estruturas de sentimento” referidas por Raymond Williams e que podem ser concebidas como “substância sempre em movimento do passado” e “tudo o que está presente e se move”⁹ – permaneceram não poucas vezes em um patamar inferior de explanação histórica, que entendemos devam ser, ainda, aquilatados de forma mais apurada a fim de externar uma história mais abrangente.¹⁰

Mesmo assim, ao que tudo indica, não devem pairar dúvidas sobre a efetiva e decisiva contribuição da indústria pastoril, do poder público e do conjunto da estrada de ferro, como um todo, no processo de elevação da vila à categoria de cidade e, mais ainda, por contribuir para alçar Campo Grande no *cenário* da civilização ocidental do Brasil litorâneo, tarefa que implicou alterar certas estruturas e trabalhar para edificar outras, em recorridos casos, vistas como sinônimo de *progresso linear*, que para serem concretizadas deveriam suplantiar *fases*, as quais por sua vez originariam outras *fases de evolução*, labor que contou com a participação de autoridades militares e homens de letras.

Em linhas gerais, os cognomes atribuídos a Campo Grande podem ser pensados exatamente nesta configuração: como uma luta de visões de mundo e *fases* que se sobrepõem e por isso mesmo de sujeitos históricos que os fizeram existir (enquanto tal) e intentaram eleger, perpetuar ou destronar cognomes que se propunham a sintetizar a *máxima* do que seria Campo Grande, seu entorno geográfico, e não menos o seu futuro, quase sempre alardeado como grandioso, próspero economicamente, com natureza exuberante, repleto de um povo trabalhador e ordeiro, que residia em terras abençoadas e dignas de reconhecimento, mencionadas como parte do território brasileiro.

⁸ A publicação *Folha da Serra* (que consultamos alguns exemplares na Fundação Barbosa Rodrigues), lançada nos anos 1930, ocupa lugar de destaque no trabalho de exaltar a região sul de Mato Grosso e, mais ainda, a cidade de Campo Grande, em particular as suas múltiplas *potencialidades* nas mais diversas vertentes. Cf. *REVISTA Folha da Serra*. Campo Grande, números 39, 40, 41-42, ago. 1935, ago. 1936, ago./set. 1937. Ver também o periódico *REVISTA Ouro Verde – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso*. n. 23, p. 99, ago. 1936 (cujo exemplar examinamos no Arquivo Histórico de Campo Grande-ARCA).

⁹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 133 e 130.

¹⁰ Apenas a título de exemplo, mencionamos aqui somente dois nomes, a saber: Paulo Coelho Machado, autor de várias obras sobre Campo Grande e análises que enaltecem a urbe. Contudo, também um escritor que veiculou explicações que enfatizam aspectos culturais e humanos da cidade. Ver desse autor em especial o conjunto de livros com o sugestivo nome *Pelas ruas de Campo Grande*: MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Velha*. Campo Grande: TJMS, 1990, v. 1; Id. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Principal*. Campo Grande: TJMS, 1991, v. 2; Id. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Barão*. Campo Grande: TJMS, 1991, v. 3; Id. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Alegre*. Campo Grande: Brasília, 1997, v. 4 e Id. *Pelas ruas de Campo Grande: a Grande Avenida*. Campo Grande: Brasília, 2000, v. 5; e J. Barbosa Rodrigues, que ajuda a contrabalançar a noção de que a gente da terra era violenta e sanguinária, conforme observamos em RODRIGUES, J. Barbosa. *História de Campo Grande*. São Paulo: Resenha Tributária, 1980, p. 60.

OUTROS COGNOMES DE CAMPO GRANDE: REGISTROS, SIMBOLISMOS E REPRESENTAÇÕES

Do mesmo modo que muitas outras povoações e cidades, Campo Grande já teve e ainda possui cognomes ou epítetos os mais variados, sendo alguns largamente conhecidos e utilizados e outros nem tanto, por isso pensamos quase esquecidos no tempo ou concentrados, para não dizer “perdidos”, em documentações as mais variadas.

Em nosso presente, a palavra cognome pode ser entendida ou traduzida como apelido ou alcunha. Também pode ser positivo ou indicar desdém, fato que depende do contexto em que é utilizado. Com estes sentidos é que a documentação a que tivemos acesso até este momento, e que julgamos bastante variada e, sobretudo, dispersa, nos indicou que há uma multiplicidade de cognomes atribuídos ao sítio, povoado, vila e cidade de Campo Grande.

Longe de querer referir ou priorizar sequências e cronologias lineares e ascendentes, atentamos para as denominações *campos grandes* e *mato cortado*¹¹, que indicam, respectivamente, o que foi considerado como terras a perder de vista em um *sertão desabitado* e local que, depois de ter parte da flora retirada, já esboçava uma paisagem que continha a presença e a ação do Homem, digamos, do *branco* e *civilizado*.¹²

Por volta do final do século XIX e primeiros anos do XX, com trabalhos e atividades pensados à época como indústria pastoril, Campo Grande assumiu a configuração de *vila de tropeiros*, sendo muitas vezes descrita em relatos do outrora e do presente quase que exclusivamente como uma localidade violenta, avessa às leis e palco de desmandos, crimes e atrocidades, que em seguidos momentos, do ontem e do hoje, são descritos como o *mal da terra*, a *lei do 44*, cujas vítimas, inclusive influentes e abastadas, eram mortas por pouco ou quase nada, visão que quando aventada de forma genérica pode inclusive indicar, aos menos atentos, que só haviam “desmandos, crimes e atrocidades” neste *sertão*.¹³

Em linha próxima visualizamos o entendimento que assegura ser Campo Grande acanhada e descortês com os viandantes de hábitos mais elaborados, exigentes ou refinados, que se aventuraram a adentrar o sertão, que estaria infestado de nativos, animais perigosos, geografia insalubre e modos de vida *exóticos*, além de ser local de passagem e reduto para forasteiros, não

¹¹ Os termos *campos grandes* – ou *campo grande* (indicando “campo extenso, campo grande que se desenrola a perder de vista” Cf. SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1939, p. 90) – e *mato cortado* constam em alguns suportes e aparecem, cada vez mais, referidos em obras do tempo presente, cujos enfoques não apresentam variações substanciais quanto à origem e análises. Ver em particular os textos de SOUZA, João Batista de. *Evolução histórica sul Mato Grosso*. São Paulo/Rio de Janeiro: Simões, 1960, p. 100; RODRIGUES, op. cit., 1980, p. 43; MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Velha*. Campo Grande: TJMS, 1990, v. 1, p. 43 e BITTAR, Marisa. Da fundação à vocação urbana. In: BITTAR, Marisa; FILHO, Dante. *Dos campos grande à capital dos ipês*. Campo Grande: Alvorada, 2004.

¹² Uma análise mais abrangente, bem como rica em fontes e exemplos da problemática ora pontuada, pode ser obtida em GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: Entrelinhas/UFMT, 2012.

¹³ No sentido de problematizar esta forma de pensamento, ampliando consideravelmente a análise, consideramos essenciais as reflexões veiculadas por ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000, p. 189-218.

poucas vezes considerados criminosos à luz da legislação nacional e de autoridades descritas como abnegadas, que laboravam, diuturnamente, em benefício do Estado Nacional.

As referências que entendemos capazes de exemplificar essa linha de pensamento são muitas, algumas até reeditadas no tempo presente, em particular nos últimos 10 anos, e inclusive com chancela e financiamento do poder público. Veja-se o caso da política editorial do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), mais especificamente o conteúdo de grande parte das obras de Emílio Garcia Barbosa.¹⁴ Estas, publicadas a princípio nos anos 1960, só vieram a conhecer reedições em 2011, que por sua vez contaram, tal como consta na contracapa, com investimentos do Fundo de Investimentos Culturais (FIC) de MS, da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e do Governo de Mato Grosso do Sul.¹⁵

Podemos mencionar depoimentos/memórias/testemunhos de outros sujeitos, os quais inclusive corroboram com essa linha de pensamento, mas por vezes também a contradizem em alguns pontos. Conforme relato de Múcio Teixeira Júnior, que era professor e rumou para Mato Grosso com o intuito inicial de ser promovido de cargo,

A cidade [entendemos refira-se aos anos 1920 ou 1930] era um verdadeiro faroeste. Minha primeira impressão foi a de estar diante de uma morena bonita, mas muito mal vestida, descalça, cabelos desgrehados. No tempo das águas, a lama era demais. Se fazia calor, ventava, uma poeira vermelha cobria tudo. Bandidos não faltavam. Durante a noite não, aconteciam crimes pavorosos no Cascudo (Bairro São Francisco) e na rua Sete de Setembro onde sempre tombavam dois ou três. A gente vivia de janelas fechadas, com medo das balas. O mais engraçado é que não havia ladrões. Não me lembro de nenhum conhecido ter-se queixado de assalto, de roubo.¹⁶

Destacamos a seguir uma obra que, no conjunto, julgamos das mais relevantes e emblemáticas para este trabalho, qual seja: *Paraíso Verde: impressões de uma viagem a Matto Grosso em 1918*, cujo escritor é Jacomo Vicenzi (1922). Quando de passagem por Campo Grande, o referido autor descreve, e entendemos de modo peculiar em seu relato, o tratamento dispensado aos clientes de um estabelecimento, que supomos Vicenzi também tenha sido um deles:

O passageiro assenta-se à mesa, desprovida absolutamente de qualquer alimento. O copeiro está longe e é preciso esperar e chamar para que apareça. Quando se aproxima, não depõem a travessa sobre a mesa, para que o freguês se possa servir; ele mesmo o serve delicadamente, pondo-lhe no prato uma dose microscópica do que traz, como se a sua principal preocupação fora evitar a esses comilões, a todo transe, qualquer ameaça possível de ingestão.¹⁷

¹⁴ Cf. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Série Memória sul-mato-grossense*. Campo Grande: IHGMS, 2011, v. XIV.

¹⁵ ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 1990. Conforme consta no início da obra, o referido trabalho foi “financiado em parte com recursos do Instituto de Estudos e Pesquisas do Ministério da Educação MEC/INEP.”

¹⁶ TEIXEIRA JÚNIOR, Múcio. In: ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 1990, p. 47.

¹⁷ VICENZI, Jacomo. *Paraíso Verde: impressões de uma viagem a Matto Grosso em 1918*. [S.l.: s.n., 1922], p. 55.

E continua: “Assim um prato que, em qualquer hotel ou restaurante, serviria, para quatro pessoas, no de Campo Grande, sendo tão carinhosamente repartido, chega perfeitamente para dez ou doze.” Vicenzi assegura que “o resultado prático é este: a quantidade de alimentos que nos hotéis comuns é indispensável para dez pessoas, no famoso hotel de Campo Grande satisfaz sobejamente a vinte ou trinta.” E conclui em tom taxativo e irônico: “E digam, depois, que não há gente boa no meio das rudezas daquelas terras ainda virgens!”¹⁸

Principalmente, a partir do início do século XX, temos um fluxo migratório considerável e também um significativo número de trabalhadores, cuja parte esteve envolvida na construção da linha férrea e no conjunto da estrada de ferro, trazendo valores os mais diversos e visões de mundo por vezes conflitantes com as tradicionais. Além disso, parte das análises veiculou a ferrovia como símbolo do que seria *progresso* e *evolução*.¹⁹ Pelos carris tínhamos a partida de pessoas da terra e talvez mais significativo quando se dava o retorno ou a chegada de agentes com pensamentos outros, no caso indicativo de novos ares e pensamentos, claramente associados com *evolução*, o que hoje denominaríamos *culturas* e ou *desenvolvimento*.

À época registrou-se Campo Grande, sendo que ainda no tempo presente vigora uma parte desta linha de pensamento, como uma localidade que passou a ter uma profusão de expressões, as quais contribuíram, cada qual a sua forma e com sentidos variados, no trabalho de cognominar alguns vieses da sua realidade, em particular as que atentam para os campos da natureza, da modernização urbana e dos costumes de uma população, que foi descrita não poucas vezes, inclusive problematizada em textos os mais variados, como sertaneja, simples e rude, bem como isolada do litoral brasileiro, mas com futuro promissor.²⁰

É dessa época, final dos anos 1910, que temos o registro de Campo Grande como uma cidade que, na flor de sua existência, se edificava em terras mimosas e roxas, sinônimo de fertilidade e fartura para os que nela estavam ou intentavam trabalhar. Ao que tudo indica a menção mais difundida deve ser creditada a Francisco de Aquino Corrêa (1945), que inclusive se fez presente na urbe em muitas ocasiões, nomeadamente nos papéis de político e de religioso.

Também encontraram guarida em Dom Aquino Corrêa alguns dos cognomes de Campo Grande como *Flor de Maracajú* e *Cidade Côr-de-Rosa*, este possivelmente em alusão aos poucos anos que a cidade possuía em 1939 e aquele em provável referência às coxilhas que entendia férteis do planalto, ambos dispostos na segunda edição do volume II da obra *Discursos*,

¹⁸ VICENZI, op. cit., [1922], p. 55.

¹⁹ São inúmeros os materiais que assim pensaram a presença da estrada de ferro no sul do então Estado de Mato Grosso. Ver em particular os livros de ANDRADE, Arlindo de. *Erros da federação*. São Paulo: [s.n.], 1934; AZEVEDO, op. cit., 1958; RUBIM, Rezende. *Reservas de brasilidade*. São Paulo: Nacional, 1939 e SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

²⁰ O trabalho de Nelson Werneck Sodré (1941), citado na nota imediatamente anterior deste artigo, ilustra alguns casos desta linha de pensamento.

cujas publicações ocorreram em 1945.²¹ Nas palavras do religioso Dom Aquino:

[...] nesta pompa de sol e azul, que é a cidade de Campo Grande, que, além do mais, se me afigura também uma formosa expressão dessa potência admirável da Cruz unida à Espada; Campo Grande, a flor fantástica e maravilhosa do nosso planalto; Campo Grande, que era ontem a terra roxa das guaviras selvagens, e é hoje [refere-se ao ano de 1939] a cidade côr-de-rosa do nosso belo sonho de trabalho e progresso.²²

Ainda no rol de cognomes, hoje menos usuais, temos muitas outras expressões, dentre as quais mencionaremos algumas. Rosário Congro, em texto de 1919, chamou Campo Grande de *Pérola do Sul*, termo também veiculado nos anos 1930 na revista *Folha da Serra*; Valério de Almeida, em artigo publicado no periódico *Jornal do Commercio* em 1927, deu-lhe as denominações *Rosa de Maracajú* e *Cidade das Primaveras*; nos anos 1930 temos a cognominação *Princesa de Maracajú*, termo que consta no material 1939 – *Álbum de Campo-Grande*.²³

Levando em consideração uma possível dicotomia entre a terra (por vezes sinônimo de poeira) e o plantio de árvores, arbustos e flores na urbe (indicativo de *natureza* condicionada aos interesses humanos), devemos aventar para uma valorização social da *natureza* em Campo Grande – como pensamos sugerem alguns cognomes –, contudo, desde que a *natureza* fosse efetivamente manipulada pelos sujeitos (a avenida Afonso Pena, *toda arborizada*, seria um exemplo singular, como indica a Figura 1), pois caso contrário poderia ser indicativo de *ambiente sem a presença humana*, indicando em certa medida incapacidade e desleixo, já que era preciso ter precisão de onde começava o fator *natureza* e até que ponto fator *humano* permitia a sua existência no ambiente da cidade de Campo Grande.

²¹ CORRÊA, Francisco de Aquino. *Discursos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, v. II, p. 233.

²² CORRÊA, op. cit., 1945, v. II, p. 233. Os cognomes *Capital de Maracajú* e *Pérola do Sul* também foram utilizados para denominar Campo Grande. Cf. *REVISTA Ouro Verde – Revista Ilustrada de São Paulo e Mato Grosso*. n. 23, ago. 1936, p. 90 e *REVISTA Folha da Serra*. Campo Grande, n. 40, ago. 1936, p. 4.

²³ Cf. CONGRO, Rosário. *O Município de Campo Grande*. Campo Grande: IHGMS, 2003, p. 23; *REVISTA Folha da Serra*. Campo Grande, n. 39, ago. 1935, p. 14; ALMEIDA, Valério de, *Jornal do Commercio*, Campo Grande, 1927 e CAMPOS, Peri Alves. In: LEITÃO, Benedito. *1939 – Álbum de Campo-Grande*. Campo Grande: O Progressista, 1939.

Figura 1: Cidade de Campo Grande e, na transversal, a Avenida Afonso Pena, *toda arborizada*; no centro da imagem está o *Relógio da Cidade*²⁴



De aspecto bastante esmaecido no registro a que se teve acesso, a Figura 2, a seguir, um possível retrato dos anos 1930, que foi publicado na obra *Os monumentos nacionais* (1957), exprime visualmente uma parte dos elementos desta nossa análise.

Figura 2: *Relógio da Cidade*²⁵



²⁴ ARQUIVO HISTÓRICO DE CAMPO GRANDE (ARCA). *Vista aérea Campo Grande-MT*. [ca. 1950]. 1 fotografia, p&b.

²⁵ MATTOS, João Baptista de. *Os monumentos nacionais*: Estado de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1957, p. 70. Imagem idêntica foi publica na obra de ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Pioneiros da arquitetura e da construção em Campo Grande*. Campo Grande: UNIDERP, 2002, p. 84.

O contraste entre *natureza controlada* (árvores dispostas em canteiro de via pública e na praça central) e *ação humana* (calçadas, pavimentação, presença humana em desfile e o próprio *Relógio da Cidade* (ou *relógio público*) como referência arquitetônica de maior destaque, que fora inaugurado em 1933 e ficava no cruzamento da rua 14 de Julho com a avenida Afonso Pena) indicam pontos definidos do que era a presença da *natureza* em Campo Grande e do que eram os pontos de presença da *ação humana* em seu trabalho de gerir o *sertão* que diziam ladear a cidade de Campo Grande, urbe representada no conjunto da obra e na própria imagem.

Há que se atentar para o fato de que todos esses nomes são ideias-força de determinadas formas de pensamento e sinalizam, não podemos nos esquecer, para outras e maiores questões, talvez só possíveis de serem apreendidas pelas “*estruturas de sentimento*”. O termo é difícil, mas “sentimento” é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de “visão de mundo” ou “ideologia.” A explicação de Raymond Williams a esse respeito parece-nos das mais oportunas: “Não que tenhamos apenas de ultrapassar crenças mantidas de maneira formal e sistemática, embora tenhamos sempre de levá-las em conta”, mas também “estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente, e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas [que] são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis).”²⁶

Constata-se com isso que o “conteúdo” presente nos cognomes por vezes enfatiza que o que seria a natureza a ser controlada; o ambiente dadivoso que acolheria e faria progredir todos quantos aqui se fixassem; a beleza de tudo que ocorria ou cercava o lugar; a grandiosidade já existente ou que em futuro próximo seria uma realidade incontestável para o Brasil e o mundo; o labor do seu povo, que por meio do seu trabalho tudo poderia transformar, e que possivelmente contribuiu para edificar outros cognomes, a saber, Campo Grande pensada como *Capital Econômica de Mato Grosso* ou descrita pela expressão *Metrópole Econômica de Mato Grosso*.²⁷

²⁶ WILLIAMS, op. cit., 1979, p. 134.

²⁷ A associação de Campo Grande ao cognome *Capital Econômica* era corrente em títulos e subtítulos de matérias veiculadas em jornais. Um exemplo disto é o texto: Campo Grande, uma jovem centenária. *O Dia*, Campo Grande, 22 jun. 1972 apud BITTAR, Mariluce. Da promoção à assistência social: Campo Grande na luta pela cidadania. In: CUNHA, Francisco Antônio Maia da (Coord.). *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz, 1999, p. 241. Ver também as seguintes obras: BITTAR, op. cit., 1999, p. 95 e MORO, Nataniél Dal. *O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012, p. 28 e 85.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter mostrado neste texto que nomes, denominações ou expressões, tanto quanto apelidos ou alcunhas, e nesse rol incluem-se também os termos *Cidade Morena*, *Capital Morena* e *Capital dos Ipês*, em particular quando deslocados ou concebidos fora de contextos específicos, pouco ou quase nada nos mostram do “passado”, pois acabam ofuscando as ações humanas realizadas em temporalidades e situações únicas.

Por isso, talvez o maior mérito dos cognomes, como registro, seja o de evidenciar situações e aspirações ímpares, possibilitando que se visualizem outras histórias e variadas formas de experiências sociais. Momentos que, não raramente, nos escapam às reflexões, mesmo as mais acuradas e até “plenas” de registros documentais, visto que cada presente pode e às vezes reconstrói o “passado” ao seu modo.

Os cognomes também revelam aspectos múltiplos da cidade, ela mesma multifacetada, novos e desconhecidos modos de viver e culturas do outrora, dando a enxergar formas esquecidas de pensar, projetar, restringir e impor caminhos à sociedade, ou seja, histórias humanas do porvir que ainda estão por serem descobertas, estudadas, difundidas no presente e até comparadas em micro ou macroescalas, tarefa que entendemos ser sempre salutar.